



## Equipe de Saúde multiprofissional no atendimento às mulheres em situação de violência

### *Multidisciplinary Health Team in the care of women experiencing violence*

Giovana Felício Gomes Pedroso<sup>1</sup>, Natalia Quevedo dos Santos<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Graduanda em Medicina pela Universidade Cesumar (UNICESUMAR) - campus Maringá/PR. <sup>2</sup>Pós-Doutoranda em Promoção da Saúde pela Universidade Cesumar (Unicesumar) (2024) e Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Doutora em Promoção da Saúde pela Universidade Cesumar (Unicesumar) (2023) Bolsista (CAPES), Mestre em Promoção da Saúde (2021) pela Unicesumar e Bolsista CAPES, possui graduação em Fisioterapia e Terapia Ocupacional (2018). Atua principalmente com os seguintes temas: promoção da saúde, atividade física e envelhecimento.

**Autor correspondente:** Giovana Felício Gomes. E-mail: giovanafeliciop@gmail.com

**RESUMO:** A violência doméstica contra a mulher é um problema complexo, com sérias implicações para a saúde, as quais abrangem aspectos físicos, mentais e sexuais das sobreviventes. Este fenômeno requer uma abordagem ética e multidisciplinar por parte dos serviços de saúde para minimizar seus danos. Neste contexto, a equipe de saúde multiprofissional surge como uma alternativa promissora para o atendimento das mulheres em situação de violência, oferecendo um suporte integrado e abrangente. No entanto, há lacunas no conhecimento sobre a efetividade dessa abordagem. Nesse sentido, esta pesquisa visa explorar e avaliar o papel da equipe de saúde multiprofissional no atendimento às mulheres em situação de violência por meio de uma revisão sistemática da literatura. Esse procedimento foi utilizado para analisar a violência contra a mulher e o papel da equipe de saúde multiprofissional na sua abordagem. Realizada em outubro de 2023, a pesquisa utilizou o PubMed como base de dados e incluiu artigos publicados nos últimos 10 anos. Foram aplicados critérios de inclusão e exclusão, resultando em 52 publicações relevantes, das quais 20 foram selecionadas para análise mais detalhada. Esses estudos contribuem para uma compreensão mais profunda da violência contra a mulher e fornecem fundamentos importantes para a prática clínica e políticas de saúde pública voltadas para a prevenção e intervenção nesse problema.

**Palavras-chave:** Atendimento de saúde, Saúde da mulher, Equipe multiprofissional, Violência doméstica.

**ABSTRACT:** Domestic violence against women is a complex problem with serious health implications, encompassing physical, mental, and sexual aspects of survivors. This phenomenon requires an ethical and multidisciplinary approach from healthcare services to minimize its harms. In this context, the multidisciplinary health team emerges as a promising alternative for the care of women experiencing violence, offering integrated and comprehensive support. However, there are knowledge gaps regarding the effectiveness of this approach. This research aims to explore and evaluate the role of the multidisciplinary health team in the care of women experiencing violence, using a systematic literature review. A systematic literature review was conducted to analyze violence against women and the role of the multidisciplinary health team in its approach. Conducted in October 2023, the research utilized PubMed as the database and included articles published in the last 10 years. Inclusion and exclusion criteria were applied, resulting in 52 relevant publications, of which 20 were selected for further analysis. These studies contribute to a deeper understanding of violence against women and provide important foundations for clinical practice and public health policies aimed at prevention and intervention in this issue.

**Keywords:** Domestic violence, Healthcare delivery, Women's health, Multiprofessional team.

*Recebido em: 18/04/2024*

*Aceito em: 08/05/2024*

## 1 INTRODUÇÃO

A questão da violência doméstica contra a mulher tem chamado a atenção pública dos pesquisadores devido à sua natureza: um problema de grande escala, que impacta as famílias e a sociedade de maneira complexa. Ela é um fenômeno enraizado em aspectos históricos e culturais, influenciados por crenças, tradições e valores que moldam a forma como é compreendido e combatido, inclusive no campo da saúde (Machado *et al.*, 2023).

A violência contra mulheres tem sérias implicações para a saúde, abrangendo aspectos físicos, mentais e sexuais das sobreviventes. A saúde reprodutiva, em particular, está em risco, já que parceiros violentos podem forçar relações sexuais, recusar o uso de contraceptivos e restringir o acesso das mulheres aos serviços de saúde (Roland *et al.*, 2022).

Mulheres sobreviventes de violência por parceiros íntimos têm maior probabilidade de buscar abortos, contrair infecções sexualmente transmissíveis, sofrer traumas sexuais e desenvolver doenças inflamatórias pélvicas. Do mesmo modo, enfrentam uma maior incidência de transtornos de ansiedade, distúrbios do sono, depressão e transtorno de estresse pós-traumático. Elas também têm mais problemas ginecológicos e obstétricos, o que as leva a ter mais encontros com profissionais de saúde e a usar os serviços médicos com mais frequência (Roland *et al.*, 2022).

Os serviços de saúde, em alguns casos, representam o ponto de partida para as mulheres que enfrentam situações de violência, e por isso devem oferecer uma abordagem ética, segura e respeitosa, implementando ações para reduzir as consequências desse problema (Machado *et al.*, 2023).

Nesse contexto, o atendimento de saúde às mulheres em situação de violência é fundamental para minimizar os danos e garantir a sua proteção e recuperação. No entanto, o atendimento a essas mulheres pode ser desafiador para os profissionais de saúde, pois envolve uma abordagem multidisciplinar e integrada, que precisa levar em consideração as diversas dimensões da violência (Santos *et al.*, 2020). É nesse contexto que a equipe de saúde multiprofissional surge como uma alternativa promissora para o atendimento das mulheres em situação de violência (Lozano *et al.*, 2021).

A equipe de saúde multiprofissional é composta por profissionais de diferentes áreas da saúde, como médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais e outros, que trabalham em conjunto para oferecer um atendimento integrado e multidisciplinar às mulheres que passam por essa situação. Essa abordagem pode incluir a identificação e o tratamento dos danos físicos e psicológicos decorrentes da violência, o suporte social e jurídico às mulheres e o encaminhamento para serviços especializados, quando necessário (Silva *et al.*, 2018).

Apesar do potencial da equipe de saúde multiprofissional, ainda há lacunas no conhecimento sobre a sua efetividade e sobre as melhores práticas para a sua implementação. Nesse sentido, o problema de pesquisa que norteia este estudo é: “Qual é o papel e a efetividade da equipe de saúde multiprofissional no atendimento às mulheres em situação de violência?”. Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo analisar o papel da equipe de saúde multiprofissional no atendimento às mulheres em situação de violência.

Entende-se que uma resposta abrangente e completa para essa pergunta também exigiria uma pesquisa com múltipla abordagem metodológica, porém, um passo fundamental para a compreensão de um tema é o aprofundamento do referencial teórico, e, por esse motivo, a partir da pergunta de pesquisa, este estudo realizou uma revisão sistemática da literatura.

## 2 METODOLOGIA

A revisão sistemática de literatura representa um método de pesquisa que busca reunir, analisar e sintetizar evidências existentes na literatura sobre um tópico específico. É uma abordagem rigorosa, que segue um protocolo bem definido para minimizar o viés e fornecer uma visão abrangente do assunto (Cassundé; Barbosa, 2018).

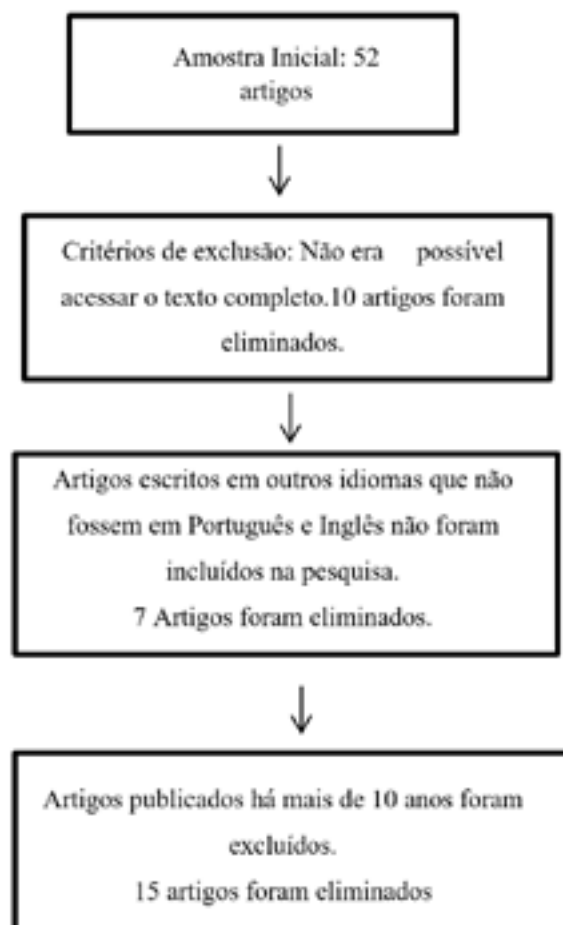
As buscas foram realizadas no mês de outubro de 2023. A base de dados utilizada para a busca e seleção dos artigos foi o PubMed, uma das plataformas mais amplamente reconhecidas e utilizadas em todo o mundo para a pesquisa em ciências biomédicas, medicina e saúde. Ela abrange uma vasta gama de periódicos médicos e científicos de alta qualidade, fornecendo acesso a uma rica fonte de evidências relacionadas à saúde.

Os termos utilizados para a busca no banco de dados foram: violência contra a mulher e equipe de saúde multiprofissional; capacitação da equipe de saúde e a violência contra a mulher; competências dos profissionais de saúde e o atendimento à mulher em situação de violência; violência doméstica e medicina. O recorte temporal foi o de uma década, de 2013 a 2023, entendendo que a última década nos traria uma quantidade significativa de textos e questões.

Os critérios de inclusão da pesquisa se basearam em artigos que tinham o texto completo disponível para análise. Foram incluídos aqueles em que era possível acessar o texto completo, os artigos escritos em português e inglês, e os artigos publicados nos últimos 10 anos, a partir do momento da pesquisa.

Para os critérios de exclusão foram considerados os artigos cujo texto completo não era possível acessar, bem como artigos escritos em outros idiomas que não fossem em português e inglês não foram incluídos na pesquisa. Artigos publicados há mais de 10 anos a partir do momento da pesquisa foram excluídos, limitando a análise a um período recente.

Após a aplicação dos critérios mencionados, restaram publicações que foram consideradas relevantes e incluídas no estudo. A amostra foi constituída por meio da análise dos artigos levantados utilizando-se palavras de busca, com um total de 52 publicações. Os artigos filtrados foram posteriormente submetidos à leitura minuciosa para verificação da relevância temática, permanecendo 20 publicações que foram analisadas em maior profundidade.



**Figura 1.** Fluoxograma da seleção dos artigos  
**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O banco de dados (após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão anteriormente mencionados) consiste em 20 publicações descritas, conforme autor, título e ano de publicação, no Quadro 1.

**Quadro 1.** Descrição das publicações inseridas conforme autor, título e ano de publicação

(Continua)

N	Autores	Título	Ano
1	MACHADO JC; SANTOS CS; GOMES A.M.T.; BOERY R.N.S.O.; RODRIGUES V.P.; VILELA A.B.A.	Female community health agents' structure of social thinking about domestic violence against women	2023
2	BACCHUS L.J.; D'OLIVEIRA A.F.P.L.; PEREIRA S.; SCHRAIBER L.B.; AGUIAR J.M.; GRAGLIA C.G.V.; BONIN R.G.; FEDER G.; COLOMBINI M.	Uma intervenção de atenção primária à saúde baseada em evidências para enfrentar a violência doméstica contra mulheres no Brasil: uma avaliação de método misto.	2023
3	ROLAND N.; AHOGBEHOSSOU Y.; HATEM G.; YACINI L.; FELDMANN L.; SAUREL-CUBIZOLLES M.J.; BARDOU M.	Violence against women and perceived health: An observational survey of patients treated in the multidisciplinary structure 'The Women's House' and two Family Planning Centres in the metropolitan Paris area	2022
4	MACGREGOR J.C.D.; BURD C.; MANTLER T.; MCLEAN I.; VEENENDAAL J.; RODGER S.; WATHEN C.N.	Violence Against Women Services in a Pandemic Research Team. Experiences of Women Accessing Violence Against Wo	2022
5	MCTAVISH J.R.; CHANDRA P.S.; STEWART D.E.; HERMAN H.; MACMILLAN H.L.	Child Maltreatment and Intimate Partner Violence in Mental Health Settings.	2022
6	ALCAIDE LOZANO V; PÉREZ DOMÍNGUEZ A.; LUPRESTI MEDINA E.; ALMAZÁN SÁEZ C.	Proposals for approaching violence against women in health care. A qualitative analysis.	2021
7	MACHADO D.F.; CASTANHEIRA E.R.L.; ALMEIDA M.A.S.	Interseções entre socialização de gênero e violência contra a mulher por parceiro íntimo.	2021
8	MACHADO D.F.; ALMEIDA M.A.S.; DIAS A.; BERNARDES J.M.; CASTANHEIRA E.R.L.	Violence against women: what happens when the Women's Protection Police Station is closed?	2020
9	SANTOS I.B.D.; LEITE F.M.C.; AMORIM M.H.C.; MACIEL P.M.A.; GIGANTE D.P.	Violence against women in life: study among Primary Care users.	2020
10	MARQUES E.S.; MORAES C.L.; HASSELMANN M.H.; DESLANDES S.F.; REICHENHEIM M.E.	Violence against women, children, and adolescents during the COVID-19 pandemic: overview, contributing factors, and mitigating measures.	2020
11	LEITE F.M.C.; LUIS M.A.; AMORIM M.H.C.; MACIEL E.L.N.; GIGANTE D.P.	Violence against women and its association with the intimate partner's profile: a study with primary care users.	2019
12	DAWSON A.J.; ROSSITER C.; DOAB A.; ROMERO B.; FITZPATRICK L.; FRY M.	The Emergency Department Response to Women Experiencing Intimate Partner Violence: Insights From Interviews With Clinicians in Australia.	2019
13	KHAN M.N.; ISLAM M.M.	Women's attitude towards wife-beating and its relationship with reproductive healthcare seeking behavior: A countrywide population survey in Bangladesh.	2018
14	SILVA C.D.; GOMES V.L.O.; FONSECA A.D.D.; GOMES M.T.; AREJANO C.B.	Representation of domestic violence against women: comparison among nursing students.	2018
15	ACOSTA D.F.; GOMES V.L.O.; OLIVEIRA D.C.; MARQUES S.C.; FONSECA A.D.D.	Social representations of nurses concerning domestic violence against women: study with a structural approach.	2018
16	DELZIOVO C.R.; COELHO E.B.S.; D'ORSI E.; LINDNER S.R.	Sexual violence against women and care in the health sector in Santa Catarina – Brazil.	2018

(Conclusão)

N	Autores	Título	Ano
17	LEITE F.M.C.; AMORIM M.H.C.; WEHRMEISTER F.C.; GIGANTE D.P.	Violence against women, Espírito Santo, Brazil. Rev Saude Publica.	2017
18	GARCIA L.P.; DUARTE E.C.; FREITAS L.R.; SILVA G.D.	Violência doméstica e familiar contra a mulher: estudo de casos e controles com vítimas atendidas em serviços de urgência e emergência.	2016
19	SILVA C.D.; GOMES V.L.; OLIVEIRA D.C.; MARQUES S.C.; FONSECA A.D.; MARTINS S. DA R.	Representação social da violência doméstica contra a mulher entre Técnicos de Enfermagem e Agentes Comunitários.	2015
20	O'DOHERTY L.; HEGARTY K.; RAMSAY J.; DAVIDSON L. L.; FEDER G.; TAFT A.	Screening women for intimate partner violence in healthcare settings.	2015

Fonte: Elabora pelas autoras.

A partir dos dados analisados, tem-se que Machado *et al.* (2023) apresentam um estudo que descreve a estrutura representacional de agentes comunitários de saúde sobre a violência doméstica contra a mulher. A pesquisa adota uma abordagem empírico-teórica, utilizando uma metodologia quanti-qualitativa fundamentada na Teoria das Representações Sociais na abordagem estrutural. A pesquisa envolveu a participação de 107 agentes comunitárias de saúde vinculadas a 18 Unidades de Saúde da Família.

Nesse estudo, a equipe multidisciplinar é representada pelos “agentes comunitários de saúde” (ACS), enquanto a mulher em situação de violência é conceituada como vítima de “violência doméstica contra a mulher” (VDCM). O objetivo do estudo é descrever a estrutura representacional dos ACSs sobre a violência doméstica contra a mulher (Machado *et al.*, 2023).

As conclusões da pesquisa de Machado *et al.* (2023) indicam que a estrutura representacional das profissionais se organiza em torno dos elementos centrais desrespeito e tristeza, atribuindo sentidos negativos relativos a posicionamentos e repercussões. Destaca-se que a organização da percepção das agentes comunitárias sobre o fenômeno apresenta uma dimensão atitudinal e afetiva que fortalece a elaboração de estratégias de enfrentamento à situação de violência contra mulheres, agressores e comunidade (Machado *et al.*, 2023).

Bacchus *et al.* (2023) realizaram uma avaliação de método misto sobre uma intervenção de atenção primária à saúde para enfrentar a violência doméstica contra mulheres no Brasil. O estudo adotou uma abordagem empírico-teórica, visando investigar a viabilidade e a aceitabilidade da implementação da intervenção HERA (*Healthcare Responding to Violence and Abuse*) em duas clínicas de atenção primária à saúde no país. A equipe multidisciplinar, composta por médicos, enfermeiros, auxiliares de enfermagem e ACS, desempenhou um papel crucial na resposta à violência doméstica contra as VDCM.

A metodologia deste estudo empregou um processo de método misto e avaliação de resultados, utilizando registros de treinamento, entrevistas semiestruturadas com prestadores de cuidados de saúde primários, diretores de clínicas e mulheres que divulgaram violência doméstica, além de dados de identificação e encaminhamento do Sistema de Vigilância Epidemiológica Brasileira (SINAN) (Bacchus *et al.*, 2023).

As conclusões destacaram a viabilidade e a aceitabilidade da intervenção HERA, que aumentou a prontidão dos prestadores para identificar a VDCM e realizar encaminhamentos adequados. No entanto, foram observados desafios na implementação, incluindo a necessidade de apoio gerencial diferenciado, falta de apoio institucional de alto nível e práticas inconsistentes em relação à documentação da VDCM (Bacchus *et al.*, 2023).

O estudo realizado por Roland *et al.* (2022) investigou a relação entre violência contra as mulheres e sua saúde percebida por meio de uma pesquisa observacional realizada em três Centros de Planejamento Familiar (CPF) na região metropolitana de Paris. Os pesquisadores buscaram avaliar a prevalência de violência por parceiro íntimo (VPI) entre mulheres que buscavam atendimento nesses centros, bem como entender como características sociodemográficas e de percepção de saúde estavam associadas à violência sofrida.

Os dados foram coletados através de questionários respondidos por 274 mulheres durante o período de dezembro de 2018 a fevereiro de 2019. As participantes foram questionadas sobre fatores sociodemográficos, estabilidade geral e histórico de violência. A percepção de saúde foi medida em uma escala Likert de 0 a 10 para seis sintomas diferentes, e um indicador geral de saúde percebida foi construído a partir dessas respostas (Roland *et al.*, 2022).

Os resultados indicaram que 27% das mulheres relataram ser vítimas de VPI. Mulheres que viviam em situação de instabilidade habitacional, desempregadas ou procurando emprego e com menor autoavaliação de saúde foram mais propensas a relatar violência. Foi observado que a prevalência de VPI variava de acordo com o centro de atendimento, sendo mais alta na Casa das Mulheres do que nos outros dois CPFs analisados (Roland *et al.*, 2022).

A pesquisa destacou a importância de compreender a relação entre violência contra as mulheres e saúde percebida, fornecendo *insights* sobre como os serviços de saúde podem ser estruturados para melhor atender às necessidades das vítimas. Esses achados podem informar políticas e práticas de saúde pública voltadas para a prevenção e intervenção em casos de violência por parceiro íntimo (Roland *et al.*, 2022).

Poe sua vez, o estudo realizado por MacGregor *et al.* (2022) aborda as experiências de mulheres que acessam serviços de extensão de violência contra mulheres no Canadá durante a pandemia de COVID-19. Ao longo da pesquisa, realizada de maio a outubro de 2020, as mulheres foram convidadas a participarem de um estudo sobre suas experiências durante esse período desafiador.

As conclusões do estudo destacam a variedade de vivência com os serviços de violência contra mulheres durante a pandemia. Enquanto algumas mulheres consideraram os serviços facilitados pela tecnologia mais acessíveis, outras expressaram o desejo de retornar ao atendimento presencial. Além disso, mais da metade das participantes relatou um declínio no bem-estar, acesso aos cuidados de saúde e acesso ao apoio informal. A pandemia também trouxe consigo um aumento nos medos relacionados aos relacionamentos, alguns dos quais diretamente atribuídos à COVID-19 (MacGregor *et al.*, 2022).

O estudo não apenas enfatiza a importância de oferecer uma variedade de opções baseadas em tecnologia para mulheres que acessam esses serviços durante tempos de restrições de contato social, como também destaca a necessidade de maior atenção aos impactos específicos da pandemia na violência contra mulheres (MacGregor *et al.*, 2022).

McTavish *et al.* (2022) discutem a necessidade de respostas clínicas seguras e culturalmente informadas a esses tipos de violência, destacando a importância da sensibilização e da implementação de políticas e práticas eficazes. Eles conceituam a equipe multidisciplinar como atores colaborativos que incluem profissionais de saúde mental, trabalhadores sociais e outros profissionais de saúde que trabalham em conjunto para reconhecer e responder a maus-tratos infantis e violência entre parceiros íntimos. O texto não se concentra especificamente em estudos de caso, mas, sim, em revisões de evidências e discussões teóricas sobre os temas abordados. Os autores utilizam termos como “mulher em situação de violência” para se referir às vítimas de violência entre parceiros íntimos, reconhecendo as diferenças de gênero nas experiências de violência (McTavish *et al.*, 2022)

Lozano *et al.* (2021), por seu turno, conduziram um estudo empírico com o objetivo de identificar propostas para melhorar a abordagem da violência sexista na área da saúde. O estudo, realizado na Catalunha, utilizou uma abordagem qualitativa, empregando métodos etnográficos. Os participantes da pesquisa incluíram profissionais de saúde, entidades específicas em violência sexista e especialistas em saúde ou violência sexista. A metodologia envolveu amostragem proposital, grupos focais e entrevistas semiestruturadas, com uma avaliação feita a partir de uma perspectiva de gênero e interseccional.

Os resultados desse estudo destacaram propostas de melhoria em diferentes fases da abordagem da violência sexista. Na fase de prevenção, identificou-se a necessidade de formação obrigatória para toda a equipe de profissionais de saúde, reconhecida institucionalmente, e com uma perspectiva de gênero e interseccional (Lozano *et al.*, 2021). Na

fase de detecção, propôs-se a padronização de códigos diagnósticos de violência sexista e a melhoria da coordenação entre diferentes serviços de saúde. Quanto ao cuidado e recuperação, o estudo destacou a importância da equidade territorial nos recursos atribuídos à abordagem de casos de violência sexista e a necessidade de maior comunicação entre as esferas sanitária e associativa (Lozano *et al.*, 2021).

O trabalho realizado por Machado *et al.* (2021) aborda as interseções entre a socialização de gênero e a violência contra a mulher por parceiro íntimo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que analisou as histórias de vida de 16 mulheres que registraram boletins de ocorrência em uma Delegacia de Defesa da Mulher, em um município do interior paulista. O objetivo foi identificar como a socialização de gênero influenciou as experiências dessas mulheres em situações de violência doméstica.

Para conduzir tal estudo, os supracitados autores utilizaram roteiros de entrevistas semiestruturadas, abordando aspectos desde a infância até a vida após o casamento. Os resultados revelaram que a socialização de gênero, fundamentada no patriarcado, teve um papel significativo na vida das participantes. Desde a infância, essas mulheres foram ensinadas a desempenhar papéis tradicionais de gênero, como cuidar da casa e dos irmãos mais novos, enquanto os homens eram isentos dessas responsabilidades (Machado *et al.*, 2021). Nesse contexto, a figura paterna exercia controle sobre a sexualidade das filhas, o que influenciava as relações que elas estabeleciam ao longo da vida. À vista dessa realidade, as mulheres buscavam liberdade em casamentos precoces, e, muitas vezes, reproduziam padrões semelhantes aos de seus pais. Esses contextos familiares contribuíram para a escolha de parceiros que poderiam se tornar agressores. As conclusões do estudo destacam a importância de problematizar as questões de gênero, especialmente nos serviços de saúde, como forma de prevenir e enfrentar a violência contra a mulher por parceiro íntimo (Machado *et al.*, 2021).

Por uma via distinta, o estudo realizado por Machado *et al.* (2020) se concentra na análise das diferenças entre casos de violência contra a mulher registrados durante o horário normal de expediente e aqueles registrados fora do expediente em uma cidade de médio porte do interior de São Paulo, Brasil. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, transversal, que utiliza dados secundários de registros de ocorrência policial. Os pesquisadores coletaram todos os boletins de ocorrência registrados por mulheres maiores de 18 anos que apresentaram ao menos uma denúncia formal por violência durante um ano (2013/2014).

Os resultados revelaram que os casos de violência registrados fora do expediente apresentaram maior gravidade, com mais flagrantes delitos dos agressores, pedidos de medidas protetivas e maior gravidade das agressões. O estudo destaca a importância de serviços de atendimento especializados disponíveis em tempo integral para garantir o acolhimento e a proteção das mulheres em situação de violência (Machado *et al.*, 2020).

O trabalho conduzido por Santos *et al.* (2020) emprega predominantemente uma abordagem empírica, apresentando os resultados de um estudo transversal realizado com mulheres usuárias da Atenção Primária na cidade de Vitória, Espírito Santo. O principal objetivo do estudo foi estimar a prevalência e identificar os fatores associados à violência praticada por parceiro íntimo ao longo da vida. Utilizando o instrumento da Organização Mundial da Saúde para rastreamento das violências, os pesquisadores entrevistaram 991 mulheres, observando uma alta prevalência de violência psicológica (57,6%), seguida pela violência física (39,3%) e sexual (18,0%).

Os resultados destacaram que mulheres com menor nível educacional, menor renda familiar, *status* conjugal de divorciadas ou separadas, cujas mães sofreram violência por parceiro íntimo, e que relataram uso de drogas e vivenciaram violência sexual na infância apresentaram maiores prevalências das três formas de violência. A religião e o tabagismo também estiveram associados a diferentes tipos de violência. Concluiu-se que a violência por parceiro íntimo é um problema significativo entre as usuárias da Atenção Primária em Vitória, com implicações graves para a saúde e bem-estar das mulheres, destacando a necessidade de intervenções e apoio adequados por parte dos profissionais de saúde (Santos *et al.*, 2020).

O artigo conduzido por Marques *et al.* (2020) aborda de forma abrangente e analítica a temática em questão durante a pandemia da COVID-19. Ao longo do texto, os autores fornecem dados e evidências sobre o aumento da

violência doméstica e interpessoal em diversos países, incluindo o Brasil, durante o período de distanciamento social. Eles destacam as repercussões do isolamento e das medidas de contenção na dinâmica familiar, evidenciando como o convívio prolongado com agressores, o estresse, a incerteza econômica e a limitação de recursos podem intensificar a violência.

Os autores também discutem os impactos específicos da pandemia nas relações entre pais e filhos, evidenciando como o fechamento das escolas e a sobrecarga de trabalho dos responsáveis podem contribuir para o aumento dos casos de violência. O texto ainda ressalta a importância de ações de enfrentamento, como o fortalecimento dos serviços de proteção, campanhas de conscientização e apoio psicológico e jurídico às vítimas. Em suma, o artigo destaca a urgência de medidas para prevenir e mitigar a violência nessas populações em tempos de pandemia (Marques *et al.*, 2020).

O estudo empreendido por Leite *et al.* (2019) apresenta uma abordagem empírica por meio de um estudo transversal realizado com mulheres usuárias da atenção básica de saúde. Embora não se trate de um estudo de caso, a pesquisa visa verificar a associação entre a história de violência contra a mulher e características sociodemográficas e comportamentais do parceiro íntimo. Ao conceituar a mulher em situação de violência, o texto a descreve como aquela que vivencia relacionamentos marcados por comportamentos agressivos do companheiro, resultando em danos físicos, sexuais ou psicológicos, muitas vezes acompanhados de comportamentos controladores.

A metodologia adotada pelos autores envolveu a coleta de informações sobre as características do parceiro íntimo das participantes, bem como a aplicação de um instrumento para rastrear a violência psicológica, física e sexual vivenciada no último ano. Os resultados revelaram associações significativas entre características como ocupação, uso de drogas e álcool pelo parceiro, perfil controlador e recusa ao uso de preservativo nas relações sexuais, com a ocorrência de violência psicológica, física e sexual contra a mulher (Leite *et al.*, 2019).

88 Esses achados evidenciam a importância de os profissionais de saúde trabalharem em conjunto com outros setores, como educação e segurança, para enfrentar o problema da violência contra a mulher. Ao destacar a necessidade de estratégias preventivas, o estudo contribui para uma compreensão mais aprofundada desse fenômeno complexo e de suas implicações sociodemográficas e comportamentais (Leite *et al.*, 2019).

Dawson *et al.* (2019) conduziram um estudo empírico com o objetivo de examinar as percepções e práticas dos profissionais de saúde em dois grandes prontos-socorros de hospitais metropolitanos na Austrália em relação ao atendimento de mulheres vítimas de VPI. O estudo utilizou entrevistas qualitativas semiestruturadas e discussões em grupos focais com 35 assistentes sociais, enfermeiros e médicos.

Os resultados destacaram os desafios na identificação da VPI, incluindo incerteza profissional e medo das mulheres em divulgar. Os médicos de emergência geralmente encaminhavam as mulheres para assistentes sociais após o tratamento médico, destacando a colaboração interprofissional eficaz. No entanto, foram observadas dificuldades na coordenação dos cuidados com agências de saúde e comunitárias (Dawson *et al.*, 2019).

A equipe enfrentou desafios em manter atitudes sem julgamento e administrar seus próprios sentimentos, especialmente os médicos que tinham experiência pessoal de violência. As conclusões enfatizaram a importância dos serviços de emergência no atendimento às mulheres que sofrem VPI, destacando a necessidade de treinamento contínuo do pessoal e relações de encaminhamento com programas locais para melhorar a resposta à violência por parceiro íntimo (Dawson *et al.*, 2019).

Por sua vez, o estudo realizado por Khan e Islam (2018) aborda a associação entre as atitudes das mulheres em relação ao espancamento da esposa e a utilização de serviços de saúde reprodutiva em Bangladesh. A pesquisa empregou uma abordagem quantitativa, analisando dados de duas ondas da Pesquisa Demográfica e de Saúde no país. Utilizando a regressão multivariada, os pesquisadores investigaram como as atitudes das mulheres em relação à justificação do espancamento sofrido por elas influenciam o uso de serviços de saúde, como contracepção, cuidados pré-natais e pós-natais. Os resultados destacaram que as mulheres que rejeitaram veementemente a justificação do



espancamento da esposa eram mais propensas a utilizar esses serviços do que aquelas que aceitavam essa prática em determinadas situações (Khan; Islam, 2018).

Os resultados da pesquisa realizada por Silva *et al.* (2018) indicaram que tanto discentes das séries iniciais quanto das finais compartilham uma representação negativa da violência, embora com algumas diferenciações sutis entre os grupos. Enquanto os discentes das séries finais demonstraram uma estrutura mais elaborada em suas representações, embasada no conhecimento reificado adquirido ao longo do curso, os das séries iniciais tendiam a basear-se mais no senso comum. Essas conclusões sugerem a importância de abordagens educativas que preparem os estudantes para a prevenção, identificação e intervenção em casos de violência doméstica contra a mulher (Silva *et al.*, 2018).

Já os resultados dos estudos de Acosta *et al.* (2018) revelaram que as enfermeiras tendem a focar principalmente na agressão física como forma de violência, o que pode limitar as ações de cuidado. Os autores destacaram a importância de abordar a violência doméstica como um problema de saúde pública e de qualificar os profissionais de saúde para uma atuação mais humanizada e efetiva.

O estudo realizado por Delziovo *et al.* (2018) investigou a violência sexual contra mulheres em Santa Catarina, Brasil, entre os anos de 2008 e 2013, com base nos dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). O objetivo foi estimar a ocorrência de gravidez e infecções sexualmente transmissíveis (IST) decorrentes da violência sexual e testar a associação entre esses desfechos e o atendimento nos serviços de saúde.

Os resultados mostraram que a gravidez como consequência da violência sexual foi notificada em 7,6% pelo SINAN, com maior incidência entre adolescentes de 10 a 14 anos, e em mulheres com baixa escolaridade. Foi observado que o atendimento em até 72 horas e a recepção da contracepção de emergência foram fatores protetores, reduzindo significativamente a ocorrência de gravidez. Neste trabalho foi destacado que a violência de repetição aumentou a probabilidade de gravidez (Delziovo *et al.*, 2018).

Os supracitados autores ressaltaram a importância do acesso das mulheres agredidas às medidas de anticoncepção de emergência e profilaxias de IST, enfatizando a necessidade de estruturação dos serviços de saúde e divulgação de seu acesso à população. Eles concluíram que o atendimento precoce e a oferta adequada de contracepção de emergência são fundamentais na prevenção da gravidez decorrente da violência sexual, enquanto destacaram a necessidade de estudos adicionais para compreender melhor a eficácia das profilaxias contra IST (Delziovo *et al.*, 2018).

Leite *et al.* (2017) conduziram um estudo empírico com o objetivo de estimar a prevalência e os fatores associados à violência psicológica, física e sexual em mulheres vítimas de violência perpetrada por parceiros íntimos atendidos em serviços de atenção primária de saúde. O estudo, realizado em 26 unidades de saúde do município de Vitória, Espírito Santo, entre março e setembro de 2014, contou com a participação de 991 mulheres com idades entre 20 e 59 anos.

Para a sua realização, foi utilizado o instrumento da Organização Mundial de Saúde sobre violência contra a mulher, além de um questionário elaborado para investigar características sociodemográficas, comportamentais e histórico familiar e de vida das mulheres. Fatores como escolaridade, situação conjugal, histórico de violência materna e experiências de violência sexual na infância foram associados à violência psicológica, física e sexual. Concluiu-se que aspectos sociodemográficos, comportamentais e experiências pessoais e maternas de violência influenciam significativamente a ocorrência desses tipos de violência contra a mulher (Leite *et al.*, 2017).

Por seu turno, o estudo realizado por Garcia *et al.* (2016) é de natureza empírica e não se trata de um estudo de caso específico, mas, sim, de uma análise de fatores associados ao atendimento de mulheres em situação de violência doméstica e familiar em serviços de urgência e emergência no Brasil. O objetivo da pesquisa foi identificar os elementos relacionados a esse tipo de atendimento, utilizando um método de casos e controles com base no Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes (VIVA) de 2011.

Os resultados revelaram que fatores como idade mais jovem, baixa escolaridade, falta de atividade remunerada, consumo de bebidas alcoólicas e procura de atendimento em outros serviços foram associados ao atendimento por violência doméstica e familiar. As conclusões apontaram para a necessidade de adequação dos serviços de atendimento às vítimas, garantindo maior acesso, acolhimento e responsabilização pelo cuidado das mulheres em situação de violência (Garcia *et al.*, 2016).

O estudo realizado por Silva *et al.* (2015) aborda as representações sociais dos Técnicos de Enfermagem (TE) e Agentes Comunitários de Saúde (ACS) sobre a violência doméstica contra a mulher. A pesquisa, de natureza empírica, foi conduzida por meio de técnicas qualitativas, incluindo evocações livres e entrevistas em profundidade. Os resultados revelaram uma representação social estruturada, na qual termos como abuso, agressão física, covardia e falta de respeito foram frequentemente mencionados pelos profissionais.

O artigo de revisão realizado por O'Doherty *et al.* (2015) investiga o tema da triagem de mulheres para violência por parceiro íntimo em ambientes de saúde. A pesquisa aborda a eficácia do rastreamento da violência por parceiro íntimo em ambientes de saúde na identificação, encaminhamento, reexposição à violência e resultados de saúde para as mulheres, bem como determina se o rastreamento causa algum dano.

Os resultados indicaram que o rastreamento aumentou a identificação clínica das vítimas/sobreviventes em ambientes como clínicas pré-natais, clínicas de saúde da mulher e serviços de emergência. No entanto, não houve evidência de efeito nos encaminhamentos para serviços de apoio à violência doméstica após a identificação clínica. Não foram encontradas diferenças significativas na detecção de violência por parceiro íntimo entre triagem presencial e avaliação por computador/escrita (O'Doherty *et al.*, 2015).

**Quadro 2.** Sistematização dos artigos analisados

(Continua)

Autores	Ano	Título do Estudo	Metodologia	Principais Resultados
Machado <i>et al.</i>	2023	Estrutura Representacional de Agentes Comunitários de Saúde sobre Violência Doméstica contra a Mulher	Abordagem empírico-teórica; quanti-qualitativa	Estrutura representacional dos ACSs sobre VDCM se organiza em torno de desrespeito e tristeza, destacando a importância da dimensão atitudinal e afetiva para estratégias de enfrentamento.
Bacchus <i>et al.</i>	2023	Avaliação de Intervenção de Atenção Primária à Saúde para Enfrentamento da Violência Doméstica contra Mulheres	Abordagem empírico-teórica; método misto	Intervenção HERA aumentou prontidão dos prestadores, mas desafios incluíram necessidade de apoio gerencial e práticas inconsistentes de documentação.
Roland <i>et al.</i>	2022	Violência Contra Mulheres e Saúde Percebida	Pesquisa observacional	Prevalência de VPI entre mulheres que buscavam atendimento; associação com instabilidade habitacional, desemprego e percepção de saúde.
MacGregor <i>et al.</i>	2022	Experiências de Mulheres Acessando Serviços de Violência Contra Mulheres durante Pandemia de COVID-19	Pesquisa empírica	Variedade de experiências durante pandemia; algumas mulheres acharam serviços facilitados pela tecnologia, enquanto outras preferiam atendimento presencial.
McTavish <i>et al.</i>	2022	Respostas Clínicas e Culturalmente Informadas à Violência contra Mulheres	Revisão de evidências; discussões teóricas	Importância da sensibilização e políticas eficazes; reconhecimento das diferenças de gênero nas experiências de violência.
Lozano <i>et al.</i>	2021	Melhoria na Abordagem da Violência Sexista na Área da Saúde	Abordagem qualitativa	Propostas de melhoria na prevenção, detecção, cuidado e recuperação da violência sexista.
Machado <i>et al.</i>	2021	Socialização de Gênero e Violência Contra Mulheres	Pesquisa qualitativa	Socialização de gênero influenciou experiências de mulheres em situações de violência doméstica.

(Conclusão)

Autores	Ano	Título do Estudo	Metodologia	Principais Resultados
Machado <i>et al.</i>	2020	Diferenças entre Casos de Violência Doméstica Registrados Durante e Fora do Expediente	Pesquisa quantitativa	Casos de violência fora do expediente apresentaram maior gravidade; destaque para serviços especializados disponíveis em tempo integral.
Santos <i>et al.</i>	2020	Prevalência e Fatores Associados à Violência por Parceiro Íntimo	Estudo transversal	Alta prevalência de violência psicológica, física e sexual; associações com características sociodemográficas e comportamentais.
Marques <i>et al.</i>	2020	Violência Doméstica Durante a Pandemia da COVID-19	Análise abrangente e analítica	Aumento da violência durante pandemia, destacando a necessidade de ações de enfrentamento.
Leite <i>et al.</i>	2019	Associação entre História de Violência Contra a Mulher e Características do Parceiro Íntimo	Estudo transversal	Associação entre violência contra a mulher e características do parceiro íntimo.
Dawson <i>et al.</i>	2019	Percepções e Práticas dos Profissionais de Saúde em Relação à Violência por Parceiro Íntimo	Entrevistas qualitativas	Desafios na identificação e resposta à VPI; importância da colaboração interprofissional.
Silva <i>et al.</i>	2018	Representações Sociais de Enfermeiras sobre Violência Doméstica Contra a Mulher	Análise qualitativa	Enfermeiras focaram na agressão física; necessidade de abordagem mais ampla como problema de saúde pública.
Delziovo <i>et al.</i>	2018	Violência Sexual contra Mulheres e Atendimento no Setor Saúde em Santa Catarina, Brasil	Análise de dados do SINAN	Gravidez decorrente de violência sexual; atendimento precoce e contracepção de emergência como fatores protetores.
Leite <i>et al.</i>	2017	Prevalência e Fatores Associados à Violência por Parceiro Íntimo em Unidades de Saúde	Estudo transversal	Associações entre características sociodemográficas e histórico familiar com violência contra a mulher.
Garcia <i>et al.</i>	2016	Elementos Associados ao Atendimento por Violência Doméstica entre Mulheres em Serviços de Urgência e Emergência	Estudo de casos e controles	Fatores como idade, escolaridade, consumo de álcool associados ao atendimento por violência doméstica.
Silva <i>et al.</i>	2015	Representações Sociais de Profissionais de Saúde sobre Violência Doméstica Contra a Mulher	Análise qualitativa	Representação negativa da violência entre profissionais de saúde; necessidade de abordagens mais sensíveis.
O'Doherty <i>et al.</i>	2015	Triagem de Mulheres para Violência por Parceiro Íntimo em Ambientes de Saúde	Revisão de evidências	Rastreo aumentou identificação clínica, mas não impactou encaminhamentos; não houve diferenças significativas entre métodos de triagem.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os artigos selecionados oferecem uma visão abrangente sobre o papel da equipe de saúde multiprofissional no atendimento às mulheres em situação de violência. Eles redarguem à pergunta inicial, destacando a importância fundamental dessa equipe na resposta à violência doméstica e sexual, demonstrando sua capacidade de identificação, encaminhamento e apoio às vítimas.

Diversos estudos destacam a alta prevalência de diferentes formas de violência contra mulheres, além de identificar fatores associados, como baixo nível educacional, desemprego, uso de drogas e álcool, histórico de violência materna e experiências de violência sexual na infância. Os estudos destacam a importância da equipe multiprofissional, incluindo profissionais de saúde, como médicos, enfermeiros, auxiliares de enfermagem, agentes comunitários de saúde, assistentes sociais e psicólogos no atendimento às mulheres vítimas de violência. Essa equipe desempenha um papel essencial na detecção, prevenção, intervenção e encaminhamento adequado das vítimas.

No entanto, há limitações identificadas nos estudos, como desafios na implementação de intervenções devido à falta de apoio institucional, práticas inconsistentes de documentação e dificuldades na identificação e encaminhamento adequados das vítimas. A pesquisa destaca lacunas no conhecimento, como a necessidade de mais estudos sobre a efetividade das intervenções, a coordenação entre os diferentes serviços de saúde e a compreensão dos fatores sociodemográficos que influenciam a violência.

O estudo fornece informações valiosas sobre o papel e a efetividade da equipe de saúde multiprofissional no atendimento às mulheres em situação de violência. A complexidade do tema exige uma abordagem multidisciplinar e contínua, visando sempre aprimorar nossos conhecimentos e práticas no enfrentamento da violência contra as mulheres.

Para futuras pesquisas, é sugerido explorar mais a fundo as experiências das mulheres em diferentes contextos, como durante a pandemia de COVID-19, e avaliar o impacto das intervenções na prevenção e redução da violência. É importante investigar as barreiras específicas enfrentadas pelos profissionais de saúde na identificação e resposta à violência, bem como desenvolver estratégias de capacitação e apoio para melhorar sua eficácia. Essas lacunas e sugestões podem orientar estudos futuros na área, contribuindo para aprimorar o atendimento e o suporte às mulheres em situação de violência.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, D. F.; GOMES, V. L. O.; OLIVEIRA, D. C.; MARQUES, S. C.; FONSECA, A. D. D. Social representations of nurses concerning domestic violence against women: study with a structural approach. *Rev Gaúcha Enferm.*, v. 23, n. 39, p. e61308, 2018. doi: 10.1590/1983-1447.2018.61308.

LOZANO, V.; DOMÍNGUEZ, A. P.; MEDINA E. L.; SÁEZ C. A.; Proposals for approaching violence against women in health care. A qualitative analysis. *Aten. Primária*, v. 53, n. 6, p.102045, 2021. doi: 10.1016/j.aprim.2021.102045.

BACCHUS, L. J.; D'OLIVEIRA, A. F. P. L.; PEREIRA, S.; SCHRAIBER, L. B.; AGUIAR, J. M.; GRAGLIA, C. G. V.; BONIN, R. G.; FEDER, G.; COLOMBINI, M. An evidence-based primary health care intervention to address domestic violence against women in Brazil: a mixed method evaluation. *BMC Prim Care*, v. 25, n. 1, p. 198, 2023. doi: 10.1186/s12875-023-02150-1.

DAWSON, A. J.; ROSSITER, C.; DOAB, A.; ROMERO, B.; FITZPATRICK, L. F. R. Y. M. The Emergency Department Response to Women Experiencing Intimate Partner Violence: Insights From Interviews With Clinicians in Australia. *Acad Emerg Med.*, v. 26, n. 9, p. 1052-1062, 2019. doi: 10.1111/acem.13721.

CASSUNDÉ, F. R. S. A.; BARBOSA, M. A. C.; MENDONÇA, J. R. C. Entre revisões sistemáticas e bibliometrias: como tem sido mapeada a produção acadêmica em Administração no Brasil? *Informação & Informação*, v. 23, n. 1, p. 311-334, 2018.

DELZIOVO, C. R.; COELHO, E. B. S.; D'ORSI, E.; LINDNER, S. R. Sexual violence against women and care in the health sector in Santa Catarina - Brazil. *Cien Saude Colet.*, v. 23, n. 5, p. 1687-1696, 2018. Portuguese, English. doi: 10.1590/1413-81232018235.20112016.

GARCIA, L. P.; DUARTE, E. C.; FREITAS, L. R.; SILVA, G. D. Violência doméstica e familiar contra a mulher: estudo de casos e controles com vítimas atendidas em serviços de urgência e emergência. *Cad Saúde Pública*, v. 32, n. 4, p. e00011415, 2016..

KHAN, M. N.; ISLAM, M. M. Women's attitude towards wife-beating and its relationship with reproductive healthcare seeking behavior: A countrywide population survey in Bangladesh. *PLoS One*, v. 13, n. 6, p. e0198833, 2018. doi: 10.1371/journal.pone.0198833.

- LEITE, F. M. C.; AMORIM, M. H. C.; WEHRMEISTER, F. C.; GIGANTE, D. P. Violence against women, Espírito Santo, Brazil. *Rev Saúde Pública*, v. 10, n. 51, p. 33, 2017. doi: 10.1590/S1518-8787.2017051006815. PMID: 28423136; PMCID: PMC5396495.
- LEITE, F. M. C.; LUIS, M. A.; AMORIM, M. H. C.; MACIEL, E. L. N.; GIGANTE, D. P. Violence against women and its association with the intimate partner's profile: a study with primary care users. *Rev Bras Epidemiol.*, v. 5, n. 22, p. e190056, 2019. doi: 10.1590/1980-549720190056.
- MACGREGOR, J. C. D.; BURD, C.; MANTLER, T.; MCLEAN, I.; VEENENDAAL, J.; RODGER, S.; WATHEN, C. N. Violence Against Women Services in a Pandemic Research Team. Experiences of Women Accessing Violence Against Women Outreach Services in Canada During the COVID-19 Pandemic: a Brief Report. *J. Fam. Violence*, n. 28, p. 1-9, 2022. doi: 10.1007/s10896-022-00398-2.
- MCTAVISH, J. R.; CHANDRA, P. S.; STEWART, D. E.; HERRMAN, H.; MACMILLAN H. L. Child Maltreatment and Intimate Partner Violence in Mental Health Settings. *Int J Environ Res Public Health*, v. 25, n. 23, p. 15672, 2022. doi: 10.3390/ijerph192315672.
- MACHADO, D. F.; ALMEIDA, M. A. S.; DIAS, A.; BERNARDES, J. M.; CASTANHEIRA E. R. L. Violence against women: what happens when the Women's Protection Police Station is closed? *Ciê. Saúde Colet.*, v. 25, n. 2, p. 483-494, 2020. doi: 10.1590/1413-81232020252.14092018.
- MACHADO, D. F.; CASTANHEIRA, E. R. L.; ALMEIDA, M. A. S. Interseções entre socialização de gênero e violência contra a mulher por parceiro íntimo. *Ciê. Saúde Colet.*, v. 26, suppl 3, p. 5003-5012, 2021. doi: 10.1590/1413-812320212611.3.02472020.
- MACHADO, J. C.; SANTOS, C. S.; GOMES, A. M. T.; BOERY, R. N. S. O.; RODRIGUES, V. P.; VILELA, A. B. A. Female community health agents' structure of social thinking about domestic violence against women. *Ciê. Saúde Colet.*, v. 28, n. 6, p. 1663-1673, 2023. doi: 10.1590/1413-81232023286.14592022.
- MARQUES, E. S.; MORAES, C. L.; HASSELMANN, M. H.; DESLANDES S. F., REICHENHEIM M. E. Violence against women, children, and adolescents during the COVID-19 pandemic: overview, contributing factors, and mitigating measures. *Cad. Saúde Pública*, v. 36, n. 4, p. e00074420, 2020. doi: 10.1590/0102-311X00074420.
- O'DOHERTY, L.; HEGARTY, K.; RAMSAY, J.; DAVIDSON, L. L.; FEDER, G.; TAFT, A. **Screening women for intimate partner violence in healthcare settings.** *Cochrane Database Syst Rev.*, n. 7, p. CD007007, 2015. doi: 10.1002/14651858.CD007007.pub3.
- ROLAND, N.; AHOGBEHOUSSOU, Y.; HATEM, G.; YACINI, L.; FELDMANN, ; SAUREL-CUBIZOLLES, M.J.; BARDOU, M. Violence against women and perceived health: An observational survey of patients treated in the multidisciplinary structure 'The Women's House' and two Family Planning Centres in the metropolitan Paris area. *Health Soc Care Community*, v. 30, n. 6, p. e4041-e4050, 2022. doi: 10.1111/hsc.13797.
- SANTOS, I. B. D.; LEITE, F. M. C.; AMORIM, M. H. C.; MACIEL, P. M. A.; GIGANTE, D. P. Violence against women in life: study among Primary Care users. *Ciê. Saúde Colet.*, v. 25, n. 5, p. 1935-1946, 2020. doi: 10.1590/1413-81232020255.19752018.
- SILVA, C. D.; GOMES, V. L. O.; FONSECA, A. D. D.; GOMES, M. T.; AREJANO, C. B. Representation of domestic violence against women: comparison among nursing students. *Rev. Gaúcha Enferm.*, n. 39, p. e63935, 2018. doi: 10.1590/1983-1447.2018.63935.

SILVA, C. D.; GOMES, V. L.; OLIVEIRA, D. C.; MARQUES, S. C.; FONSECA, A. D.; MARTINS, S. D. A. R. Representação social da violência doméstica contra a mulher entre Técnicos de Enfermagem e Agentes Comunitários. *Rev. Esc. Enferm. USP*, v. 49, n. 1, p. 22-9, 2015. doi: 10.1590/S0080-623420150000100003.